

Mais de 12,6 mil vagas formais são criadas em um ano

Geração de emprego nos municípios da região desacelera em 2022

JÚNIOR BATISTA

DA REDAÇÃO

A Baixada Santista gerou 12.646 empregos formais no ano passado, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Previdência. Contudo, apesar do dado positivo, uma luz amarela foi acesa: houve queda de 33,5% no saldo na comparação com 2021, quando se abriram 19.038 vagas.

Um economista ouvido por *A Tribuna* considerou 2022 um ano atípico, e o atual governo precisará demonstrar equilíbrio entre as promessas que demandam mais gastos públicos e estabilidade fiscal. Essa pode ser a chave da confiança no investimento privado pa-

ra geração de vagas.

Conforme os dados oficiais, nas nove cidades, 148.536 pessoas foram admitidas em 2022, ante 135.890 que foram demitidas — daí o saldo positivo de 12.646 empregos com registro em carteira. Em 2021, houve 131.527 contratados e 112.489 dispensados: saldo de 19.038 empregos.

Todas as cidades da região tiveram saldo positivo no acumulado de 2022, mas ocorreu desaceleração no ritmo de novos empregos. Em Santos, ainda conforme o Caged, houve saldo positivo de 6.141 empregos no ano passado. No anterior, a Cidade registrou 7.836 novas vagas. De um ano a outro, queda de 21,6% no ritmo de abertura

de postos de trabalho.

São Vicente foi a cidade que mais reduziu a velocidade na abertura empregos formais em 2022: de 1.072 para 272 (-74,6%). A menor queda no ritmo de geração de trabalho formal foi registrada em Peruíbe, que fechou o ano passado com saldo positivo em 521 empregos, contra 601 entre janeiro e dezembro de 2021.

ANO ATÍPICO

O economista e professor do Insper Ricardo Humberto Rocha explica que 2022 foi um atípico devido à incerteza quanto a um novo surto de covid-19, à guerra da Ucrânia e da Rússia e ao período eleitoral. Esse conjunto de situações refreou investimentos privados.



Incerteza quanto à pandemia, guerra Rússia-Ucrânia e período eleitoral interferiram, afirma economista

“Tivemos um PIB (Produto Interno Bruto) infimo na casa dos 2%, juros altos e uma economia sem crescimento. Houve muita energia gasta durante o período eleitoral, e os empresários resolveram não investir e aguardar os resultados”, diz.

Ele aponta que, neste ano, dada a característica esperada do novo governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) de maiores gastos públicos, será necessário que

haja equilíbrio entre aumento de despesas e investimentos e o equilíbrio fiscal. “Acredito que, até o meio do ano, o Banco Central (que regula a política de juros básicos da economia) irá acompanhar as medidas econômicas deste novo governo. Ainda há muita discussão sobre a reforma tributária, e o modelo não está totalmente aceito, por exemplo. Além disso, estamos muito sensíveis ao mer-

cado externo”, afirma.

Essa estabilidade é que gerará confiança do mercado, de acordo com Rocha, para que haja os ajustes fiscais propostos pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad. Com isso, o governo se aproximaria mais do controle inflacionário e da estabilidade fiscal, que geraria novos investimentos e, como consequência, a abertura de novas vagas formais.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal A Tribuna - Santos/SP

Seção: Cidades **Caderno:** A **Página:** 3